



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE PSICOLOGIA

GLEICY BORGES CARNEIRO

O DESPERTAR DA MULHER NEGRA: PROCESSOS DE LUTAS E EXISTÊNCIAS

Miracema do Tocantins, TO

2021

Gleicy Borges Carneiro

O despertar da mulher negra: processos de lutas e existências

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento.

Miracema do Tocantins, TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C289d Carneiro, Gleicy Borges.
O despertar da mulher negra: processos de lutas e existências. / Gleicy Borges Carneiro. – Miracema, TO, 2021.
50 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2021.

Orientador: Ladislau Ribeiro do Nascimento

1. Mulher. 2. Negritude. 3. Racismo. 4. Subjetividade. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GLEICY BORGES CARNEIRO

O DESPERTAR DA MULHER NEGRA: PROCESSOS DE LUTAS E EXISTÊNCIAS

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia, foi avaliado para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento - Orientador - UFT

Prof^ª. Dra. Solange Aparecida do Nascimento - Examinadora - UFT

Prof^ª. Dra. Daniele Vasco Santos - Examinadora - UFT

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender como e quando ocorre o despertar para a negritude feminina, assim como quais são as condições sociais mais favoráveis para tal acontecimento. O interesse por esta temática surgiu a partir do seguinte questionamento: Quais são os aspectos sociais que dificultam a percepção e a consciência de ser uma mulher negra? Para chegar à conclusão de questões norteadoras como essa, o presente trabalho recorreu à revisão de literatura, buscando dissertações, teses e artigos científicos que possuísem relatos, memórias e narrativas de mulheres negras que tivessem vivenciado o que temos chamado de “despertar para a negritude”. Além dos materiais bibliográficos, foram consultadas músicas e outras manifestações capazes de expressar processos de produção subjetiva em mulheres negras. Esta estratégia metodológica teve por finalidade respeitar a complexidade inerente aos processos subjetivos das participantes da pesquisa, tendo em vista que as experiências são vivenciadas de forma única em cada mulher. Além disso, na proposta aqui estabelecida buscaram-se realizar análises, reflexões e debates com apoio em conceitos e constructos teóricos advindos de abordagens como: psicanálise, psicologia sócio-histórica e, obviamente, a partir dos insights e das problematizações feitas pelas intelectuais e pelos intelectuais negros tão importantes para a produção de conhecimento sobre a questão racial, tais como: Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Neusa Santos, Djamila Ribeiro dentre outras e outros. Reconhecemos as limitações para se apreender e explicar um processo tão complexo quanto o despertar para a negritude feminina a partir de abordagens ou teorias circunscritas ao domínio do conhecimento acadêmico-científico, sendo assim, o intuito foi aproximar conceitos e constructos teóricos pensados e utilizados como ferramentas capazes de orientar a produção analítica e discursiva proposta pela pesquisa. Os arranjos teórico-metodológicos desta pesquisa nos mostrou as imbricações dos processos de subjetivação engendrados no despertar para a negritude feminina em mulheres negras expostas aos efeitos de fatores como: racismo, políticas de embranquecimento, processos de exclusão e outras práticas de assujeitamento lançadas contra as mulheres negras.

Palavras-chave: Mulher. Negritude. Racismo. Subjetividade. Representatividade.

ABSTRACT

This work reports a research aimed at understanding and when the insight into female blackness occurs, as well as what are the most favorable social conditions for such an event. Interest in this topic arises from the following question: What are the social aspects that prevent the instantaneous perception of being a black person, unlike what happens to white people? To reach the conclusion of guiding questions such as this, the present work resorts to bibliographical research, seeking dissertations, theses and scientific articles that have reports, memories and narratives of black women who have experienced what has been called “awakening to their own blackness”. In addition to bibliographic materials, music and other manifestations with potential to express production processes in black women will be consulted. This methodological strategy has the strategy of covering the complexity inherent to the subjective processes associated with the research participants, considering that each experience is uniquely felt in each woman. In addition, it is worth noting that in the proposal here we seek to carry out analyses, reflections and debates based on concepts and theoretical constructions arising from approaches such as: psychoanalysis, socio-historical psychology and, obviously, from the insights and problematizations made by intellectuals and for black intellectuals who are so important for the production of knowledge about the racial issue, such as: Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Neusa Santos, Djamila Ribeiro among others and others. Even knowing the impossibility of a process as complex as the awakening to blackness to be grasped and explained by an approach or theory circumscribed to the domain of academic-scientific knowledge, the aim is to bring together concepts and theoretical constructs thought of and used as tools capable of guide the analytical and discursive production proposed by the research. Furthermore, in this way, we can infer some of the possible factors that challenge this issue, such as: racism, whitening policies, exclusion processes and other forms of subjection imposed on black women. Given the above, the work brings to the debate the complexity linked to the recognition and construction of one's own identity and the production associated with the awakening of black women.

Keywords: Woman. Blackness. Racism. Subjectivity. Representativeness.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma das concretizações dos sonhos mais desafiadores que eu poderia ter. Por todas as dificuldades que acompanham a vida das mulheres negras no Brasil, sei que sozinha minha história não seria a mesma. Desta forma, gostaria de eternizar aqui os meus mais singelos e afetuosos agradecimentos.

Primeiramente às mulheres da minha vida, minha mãe Maria Raimunda Carneiro que não se deixou abater pelos estigmas carregados em sua pele, em meio às lutas diárias em ser uma mulher preta, ela sustentou uma casa, estudou e se formou enquanto criava e educava quatro filhos em uma maternidade simbolicamente solo (como bem conhecemos no país). Obrigada, mãe, pelos anos de dedicação, aposta e companheirismo. Você, mais do que ninguém, trilhou esse caminho comigo, embaixo de sol e chuva lá estava você com seu “embeleco” na garupa. Às minhas irmãs, Georgia e Geandra, que participaram ativamente da construção desse trabalho, me dando todo o suporte possível, mesmo que isso significasse dormir com a luz do quarto acesa para que eu pudesse estudar madrugadas adentro. Sem vocês nada disso seria possível, como a mãe bem me lembra “sem suas irmãs, a gente teria a noite para dormir e o dia para passar fome”. Obrigada por se fazerem presentes (mesmo que isso representasse ter mais responsabilidade do que meninas da mesma idade teriam). Sei que vocês sempre me verão como criança/adolescente, mas oh... eu cresci! Agora são vocês que pegam minhas roupas emprestadas.

Um agradecimento especial ao meu amor por sempre acreditar em mim, tendo paciência em dias difíceis, sendo companheira nas noites em claro, me ajudando a reconhecer a importância do descanso e me trazendo de volta o foco e a direção quando eu estava perdida.

Às minhas amigas e companheiras de curso Geovanna, Hellen, Jady, Larissa e Victória, dividir essa jornada com vocês tornou tudo mais leve e divertido. Obrigada pelo acolhimento e pelo apoio, quando nem eu mesma acreditava em mim. Fazer parte de um grupo com mulheres negras e racializadas trouxe o pertencimento e a identificação que um dia me faltaram.

Às minhas professoras e professores pelos ensinamentos compartilhados. Sempre destacando a importância da psicologia com muita paixão, sem nos deixar perder o senso crítico dos desafios existentes.

Ao meu orientador, Ladislau Nascimento, por ter tido um olhar e escuta atenta para mim desde o início da graduação. Os encontros e desencontros de percurso nos trouxeram até aqui, onde eu espero que seja só o começo de uma carreira de trocas e experiências.

Ao meu percurso analítico que me permitiu entender a dimensão da importância que falar sobre gênero e raça representam na minha vida, mesmo que para isso eu precise colocar destacar o que há de mais frágil e potente em mim.

Agradeço também a todas as minhas guias e ancestrais que lutaram e deram suas vidas para que eu e outros milhares de mulheres negras pudéssemos ousar, sonhar, realizar e ocupar cada lugar que nos pertence por direito.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim pela dedicação, persistência e por não desistir, por mais atraente que isso fosse em determinados momentos. O resultado do vestibular veio como um presente no dia do meu aniversário, me mostrando que essa conquista era minha e para honrá-la eu teria um grande caminho pela frente (literal e figurativamente). Passar três anos da graduação indo de Palmas a Miracema não foi fácil, mas arrisco dizer que foi pior encará-la em meio a uma pandemia, longe daqueles que tornavam meus dias mais festivos. Esta pesquisa pode até simbolizar o fim da graduação, mas representa o início de um novo ciclo. Ainda tenho muito trabalho pela frente! Então, obrigada Eu, sem você nada disso seria possível, lembre-se disso!

“Permita que eu fale, não às minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, não às minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de
nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não às minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à
sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não às minhas
cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior
dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós [sic]
sumir.”

Emicida - AmarElo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	METODOLOGIA.....	12
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
3.1	DES.PER.TAR: Dimensões e Significados.....	15
3.2	A dimensão social de ser uma mulher negra.....	16
3.3	A dimensão individual de entender-se como uma mulher negra.....	20
3.4	Feminismos e interseccionalidade.....	21
4	A HISTÓRIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL.....	24
4.1	Os mitos das mulheres negras.....	27
4.1.1	Barraqueira.....	27
4.1.2	Mãe preta.....	29
4.1.3	Mulata exportação.....	30
5	TRANSIÇÕES - Autoestima e Conscientização.....	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44
	ANEXOS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Através das análises sociais conseguimos perceber o quanto a sociedade atual foi construída sobre pilares excludentes e preconceituosos. A política de branqueamento da população negra, por exemplo, instituída sob influência da eugenia e do racismo científico difundidos por intelectuais como Nina Rodrigues e Sílvio Romero, postulava a necessidade de branqueamento da população brasileira com a suposição de que esta seria a melhor estratégia para o “aprimoramento da raça” e o consequente desenvolvimento da nação (BOLSANELLO, 1996). O embranquecimento no Brasil foi legitimado através de manobras políticas como a conhecida higienização social que denuncia o completo abandono do Estado para com a população negra pós-abolição da escravatura onde, segundo Prestes (2013),

[...] nenhuma política de reversão do racismo, nenhuma política de reparação, nenhuma estratégia para passar a remunerar quem trabalhava escravizado(a). Pelo contrário, o que sobrou aos(às) negros(as) foi a margem (geográfica e social), estratégias e leis do governo brasileiro para eliminar esse que agora era um incômodo sem utilidade, o elemento negro na constituição do povo brasileiro, e ainda lhes foi imposta a ausência de remuneração, de reconhecimento de suas contribuições e de oportunidade de trabalho (PRESTES, 2013, p. 29).

Partindo desta lógica, é possível compreender o motivo pelo qual muitas pessoas, principalmente as mulheres negras, enfrentam diversos problemas para se entenderem no mundo. Ao contrário daqueles que nascem sabendo quem são, assim como a origem de suas famílias e de seus sobrenomes, as mulheres negras demoram um tempo para se perceberem negras e assim, como através de um insight, entender todas as suas vivências. A lógica socialmente racista que perpassa a sociedade e atravessa a nossa vida impõe desafios ao conhecimento de nossa origem e à compreensão sobre quem nós somos (KILOMBA, 2019). Logo, assim como a branquitude é universal, podemos afirmar que a importância e urgência desse debate também é, afinal, as mulheres negras constituem a força motriz desta sociedade estruturalmente racista (RIBEIRO, 2018). Perceber-se como negra pode ser um processo extremamente potente, em termos individuais e coletivos, principalmente quando nos conscientizamos de estarmos enredadas por uma lógica completamente racista e misógina onde somos alvo para todos os tipos de agressão (KILOMBA, 2019).

Desta forma, por meio deste trabalho, buscamos identificar os processos que atravessam o despertar para a negritude, considerando condições objetivas de existência, tais como: acesso às condições básicas de educação, lazer e cultura; lutas por direitos; entre outros recursos fundamentais para nossa existência, como a proteção e a socialização. Estes fatores incidem

sobre os modos de produção subjetiva, influenciando o olhar sobre si mesma em cada mulher, podendo viabilizar ou não o sentimento de pertença tão necessário ao nosso desenvolvimento. Segundo Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009), esses aspectos perpassam a transição entre uma autoimagem embranquecida, com suas características raciais diluídas e caminham em direção ao reconhecimento de uma existência política e histórica em um corpo racializado.

Para melhor compreender nosso objeto de estudo, com suas peculiaridades, consideramos a dimensão subjetiva na constituição da mulher negra no país que foi o último do ocidente a abolir a escravidão. A ênfase nesse contexto se justifica porque, ainda que ocorram experiências semelhantes em mulheres que se descobrem negras em diferentes partes do mundo, a localização geográfica, bem como os processos históricos, políticos, culturais e sociais influenciam os processos de descoberta e de reconhecimento da negritude em mulheres negras. Baseado nisso, duas questões norteadoras guiaram esta pesquisa, sendo elas: como se dá o processo de conscientização acerca da própria origem étnico-racial? Quais são as condições mais favoráveis para o despertar para a negritude?

A partir disso, o presente trabalho teve ainda por objetivo geral compreender o momento de transição a partir do despertar para a negritude, entendendo os processos de produção subjetiva engendrados nas situações em que as mulheres negras se percebem como tal em uma sociedade que tem como padrão universal a imagem do indivíduo branco, eurocêntrico e colonizador. Objetivos mais específicos compuseram a problemática do estudo, a saber: entender como as mulheres negras lidam com a descoberta, produzir análises e reflexões sobre a transição entre a negação e a conscientização acerca da própria origem étnico e racial de mulheres negras.

Dentre os inúmeros motivos pelos quais se justifica a escolha do tema, posso afirmar que um dos principais é a relevância da discussão para a academia, ao trazer reflexões e análises acerca de problemáticas que perpassam a vida daquelas que, segundo o cantor Emicida, em sua música intitulada Mãe, enfrentam a “guerra, os tanque [sic], as roupas suja [sic], vida sem amaciante” (2015). Sim! As mulheres aqui retratadas são mães, filhas, tias, adultas e crianças que, apesar de serem únicas, compartilham algumas vivências similares. Estão enredadas em uma trama complexa, tecida pelos discursos e pelas práticas racistas e violentas.

Além disso, o interesse pela temática surgiu de uma maneira não muito consciente. Antes de reconhecer meu desejo em falar sobre a negritude, eu o neguei. Afirmava não querer assumir esse lugar de representatividade ou realizar quaisquer atos que me fizessem tocar em feridas que estão longe de serem cicatrizadas. No entanto, reconhecendo o grande potencial de cura que perpassa a escrita, me propus esse desafio que, apesar de potente, também é repleto de

sofrimento. Então, em meio aos processos de prazer e dor, me vi desejando pesquisar sobre a descoberta da negritude, sabendo que, por ser uma mulher negra, não seria possível me distanciar do objeto de pesquisa. Por isso, ao leitor fica aqui o aviso das implicações pessoais que esse trabalho pode apresentar.

Desta forma, a pesquisa propõe análises a partir de conceitos, categorias e pistas deixadas pelas referências utilizadas, que incluíram produções de Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Neusa Santos, Djamilia Ribeiro dentre outras autoras e autores negros tão importantes para nos fortalecer em reflexões e discussões sobre a subjetividade da mulher negra.

Um dos materiais de base para a realização desta pesquisa é o livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” (primeira publicação em 2008), produzido pela escritora e psicóloga Grada Kilomba. A obra traz narrativas sobre o processo de descoberta da negritude utilizando-se da psicanálise como referencial para interpretar os processos subjetivos associados ao racismo e à negritude. Outro livro muito importante para os estudos recebeu o título de “Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”, publicado pela primeira vez em 1983. O livro foi escrito pela consagrada escritora e psiquiatra Neusa Santos Souza, uma das intelectuais mais importantes para o debate sociológico e psicanalítico sobre a negritude. Ambos os materiais foram de grande valia para a compreensão sobre nosso lugar e têm nos apoiado para resistirmos e existirmos enquanto seres pensantes, capazes de lutar e de enfrentar o racismo com potência e articulação.

A fim de abordar o assunto sem desconsiderar a complexidade do tema, o trabalho foi dividido em quatro partes, tendo a metodologia apresentada após esta Introdução e, na sequência, os demais capítulos que tratam, respectivamente, das dimensões sociais e individuais de ser uma mulher negra, e dos desafios e percursos traçados pelos feminismos, destacando a importância do debate sobre interseccionalidade; o segundo capítulo trata da história da mulher negra no Brasil, levando em conta o foco sociopolítico e cultural, com a exposição dos mitos sobre "a mulher negra barraqueira", "a mãe preta" e "a mulata exportação"; por fim, o último capítulo analisa narrativas sobre transições vivenciadas por mulheres negras, demonstrando como a autoestima e a conscientização racial são construídas.

2 METODOLOGIA

Para que fosse possível realizar os devidos debates acerca do tema proposto, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa.

Em um primeiro momento, realizou-se uma revisão bibliográfica. De acordo com Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica “[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc”. Há uma dimensão descritiva, associada com a busca pela descrição de características da população em questão (GIL, 2008).

O levantamento foi feito a partir do acesso a bases de dados como SciELO, BVS-Psi e Google Acadêmico, a partir do emprego dos seguintes descritores: racismo, mulher negra, transição capilar, representatividade. Incluímos textos escritos em língua portuguesa que apresentassem relatos e narrativas sobre as vivências que atravessam a existência das mulheres negras, tais como racismo, autoestima, solidão, identificação e pertencimento. O objetivo foi selecionar textos por meio dos quais poderíamos constatar narrativas sobre mulheres negras que despertaram para a negritude feminina.

Além dos conteúdos levantados durante a revisão bibliográfica, nos baseamos em narrativas de mulheres negras que se tornaram referências para o estudo sobre constituição da subjetividade negra, tais como aquelas expressas em livros como: *Mulheres, Raça e Classe* (DAVIS, 2016), *Quem tem medo do feminismo negro?* (RIBEIRO, 2018), *Memórias da Plantação* (KILOMBA, 2019) e *Tornar-se Negro* (SANTOS, 2019). Através desses materiais conseguimos entender como se dá a autopercepção de ser uma mulher negra, levando em consideração todo o contexto social, político e cultural onde cada uma se insere.

Em um segundo momento, analisamos fragmentos de relatos pessoais sobre vivências e experiências de mulheres negras. Esta etapa da análise considerou narrativas e relatos publicados em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, o YouTube. A escolha da ferramenta se deu por entendermos a praticidade de uma plataforma em que os conteúdos disponíveis são públicos, desta forma, teríamos maior abrangência na coleta de dados.

Após esse primeiro momento, tivemos de escolher quais canais e/ou youtubers seriam considerados. A partir disso, mais uma vez, me coloquei de maneira direta na pesquisa, recuperando vídeos que, durante o meu processo de conscientização racial, ajudaram-me a entender todas as implicações que envolvem ser mulher negra no Brasil. Desta forma, no total, foram escolhidos seis vídeos para a identificação de falas que pudessem colaborar com a proposta da pesquisa.

Três vídeos estão armazenados no canal Tedx Talks (uma plataforma conhecida por promover palestras curtas de grande impacto), como: “A mulata que nunca chegou” da cientista social Nátaly Neri, “Eu quero poder ser fraca” da arquiteta Stephanie Ribeiro e “Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam” da comunicadora social Gabi Oliveira. Além dessas importantes fontes de informação, recuperamos dois vídeos do canal Afros e Afins da já referida Nátaly Neri, um é intitulado “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra” e “Empoderamento estético e consciência racial”. O último vídeo escolhido, da influenciadora digital Rayza Nicácio, cujo canal de comunicação carrega o nome da mesma, recebeu o título “Sobre ser negra”. As mesmas dividem seus relatos sobre transição capilar, autoestima, sexualização, sexualidade, feminismo negro e interseccional, ancestralidade, entre outros assuntos que fazem parte do desenvolvimento e subjetivação, em particular, das mulheres negras.

Cada vídeo foi assistido atentamente na íntegra para que pudéssemos identificar e analisar os conteúdos. Após a certificação de que aqueles seriam realmente os materiais a serem utilizados, passamos para a fase de transcrição. Todos os vídeos foram transcritos por inteiro, com exceção para as introduções. Com o texto corrido pronto, passamos para a separação dos blocos de assunto, ou seja, selecionamos falas específicas em que as influenciadoras abordavam os tópicos associados com o debate e com as análises desta pesquisa. Conforme será observado, as falas destacadas se estendem mais do que os fragmentos geralmente expostos em artigos científicos. Isto porque, visando a qualidade das análises, os objetivos propostos e a temática do trabalho, optamos por abrir espaços para a fala das mulheres.

Adotar a abordagem qualitativa não se resume a um simples artifício acadêmico. Esta escolha associa-se ao nosso posicionamento em analisar a realidade através de um compromisso ético-político com as diversas vozes e existências presentes na sociedade. Tendo em vista que, para Severino (2013), a escolha de um tema de pesquisa e de sua metodologia indica posicionamento e reitera o fato de não haver neutralidade. Nas palavras do autor,

[...] quaisquer que sejam os pressupostos epistemológicos e as mediações técnico-metodológicos existirá sempre, no processo de conhecimento científico, uma interpretação teórica de dados empíricos, entrelaçando do lógico com o real, do qual germina uma significação. (Ibidem p. 43).

Buscamos compreender a dinâmica das relações sociais onde as subjetividades são tecidas, afetadas e reverberadas em complexas dinâmicas. Este objetivo não pode ser alcançado por meio de uma metodologia pré-definida, mas sim, de modo criativo e convergente com a subjetividade colocada enquanto objeto de estudo (GOLDENBERG, 1997).

Por fim, vale destacar que a pesquisa foi inspirada e norteadada por expressões artísticas, incluindo músicas, poemas e filmes. Esta escolha se deu em virtude de nosso objetivo de desmistificar e confrontar a ideia de que somente o saber acadêmico tradicional é válido. Nesse sentido, a pesquisa envolveu um arranjo teórico-metodológico criativo, crítico e potente para lidar com a complexidade e com a urgência do tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos análises sobre a questão central e as questões periféricas da pesquisa. Retomamos o referencial teórico e colocamos em análise os fragmentos de relatos expostos por mulheres negras nas plataformas consultadas, conforme exposto na seção anterior.

3.1 DES.PER.TAR: Dimensões e Significados

A fim de realizar algumas aproximações com as propostas de análises realizadas aqui, fez-se necessário o resgate de significados do termo despertar. Segundo exposto no dicionário Caldas Aulete, esta palavra significa: “1. Fazer sair ou sair do sono - acordar; 2. Fazer sair ou sair de (ilusão, inércia, distração, ignorância etc.); 3. Provocar, estimular; 4. Dar origem a 5. Acordar ou amanhecer (em certo estado); 6. Surgir, manifestar-se” (AULETE, 2001). Possivelmente, a partir do imaginário social, ao deparar-se com esse termo alguns sentidos, como os anteriormente expostos, são naturalmente construídos, contribuindo com o afunilamento do debate apresentado.

A partir disso, foi possível verificar que autores como Munanga (2015) e hooks (2019) utilizam o termo para referir-se ao despertar da consciência crítica, política e até mesmo ao renascimento vivenciado por pessoas negras quando se entendem como tal, tendo em vista todo contexto social ao qual estão inseridas.

Construindo sentidos através do uso dessa palavra, buscamos entender os processos pelos quais as pessoas negras passam para, enfim, se reconhecerem como negras por meio de um despertar. Ou seja, o momento em que a pessoa se reconhece e identifica a lógica eurocêntrica estruturante da sociedade, percebendo que não faz parte dela, pois a sua identidade histórica e existencial é negada e massacrada (SOUZA, 2019).

Contudo, como lembra hooks (2019), a experiência de ser uma mulher negra precisa ser lembrada para além da dor e do sofrimento, pois, muitas vezes, a não exaltação de suas existências faz a mulher negra padecer em si e em ser. Por isso, quando Emicida (2019) diz, em sua música Mufete, “esquece o que o livro diz, ele mente, ligue a pele preta a um riso contente”, o cantor aponta para a necessidade de irmos além da ideia higienista de que as pessoas negras foram salvas pelos colonizadores, fazendo-nos refletir sobre a beleza de ser uma pessoa preta, com todas as suas conquistas e ancestralidade.

3.2 A dimensão social de ser uma mulher negra

Em geral, as mulheres negras são percebidas no mundo como estrangeiras, como o Outro (KILOMBA, 2019). Ou seja, o despertar ocorre porque existe um padrão universal pré-estabelecido que normaliza o corpo da mulher branca e torna o corpo da mulher preta anormal, supostamente feio, estranho e passível de rejeição (BENTO, 2001).

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SOUZA, 2019, p. 23).

Vale lembrar que, assim como Souza (2019) trata em seu livro, aqui o conceito de raça deve ser compreendido como noção ideológica a fim de servir para os critérios de análises sociais que são responsáveis pela distribuição e posição na estrutura de classe. Guimarães (1999) apud Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009, p. 266) complementa afirmando que “raça denota uma forma de classificação social, baseada em uma atitude negativa frente a certos grupos sociais e na atribuição da desigualdade social a características pessoais”.

Sendo assim, pode-se afirmar que os critérios de classe compõem as principais estruturas que mantêm o racismo tão bem consolidado, portanto, para desmistificar alguns pontos, é possível dizer que “(...) as identidades raciais não são apenas negra, latina, asiática, índia, norte-americana e assim por diante; são também brancas. Ignorar a etnicidade branca é redobrar sua hegemonia, tornando-a natural” (ROEDIGER, 2004 apud BENTO, 2018, p. 115).

De fato, o racismo é uma ideologia que emerge para justificar a dominação de uma classe social sobre outra; é uma argumentação ideopolítica para dar sustentação a uma classe social a fim de concretizar a transformação do mundo espelhado nos ditames da classe que universalizou o capital — a burguesia — a partir do século XV e que perdura até os dias atuais; o racismo é um projeto de hierarquização não somente de indivíduos, embora esteja presente na vida cotidiana, mas tem como finalidade assegurar a “superioridade” de uma classe sobre a outra, logo, permeia todo o tecido social na sociedade de classes (GÓES, 2018, p. 97).

Logo, como no Brasil foi nutrida a ideia falsa e perversa acerca da democracia racial, pouco se discutia a respeito da elite branca. Afinal, esta foi colocada como um modelo universal para a sociedade, sendo posicionada como aquela que deveria ser motivo de inveja para toda população não branca. Esta ordem de funcionamento serviu para que a miscigenação fosse encarada como uma invenção da população negra (BENTO, 2001, p. 1-2).

Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. (Ibidem)

Seguindo a lógica estabelecida socialmente, é possível entender o motivo pelo qual a ciência moderna contribuiu com a reprodução desses padrões de pensamento. Segundo Cardoso (2014, p. 271), citado por González (1988), “o racismo se constituiu como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação.” Desta forma, o silêncio por parte das pessoas brancas em relação às desigualdades raciais no Brasil recebia respaldo de todos os lados, investindo na ideia de haver um determinado grupo como referência humana (BENTO, 2021, p. 6).

Freud identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja, o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. É como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o "normal", o "universal" exigindo que se modifique, quando autopreservar-se remete exatamente à imutabilidade. Assim, a aversão e a antipatia surgem (Ibidem).

Nesta perspectiva, é através do narcisismo e do medo de perder um suposto lugar de universalidade que ocorre a aversão, ou melhor, que se desenvolvem os racismos. O emprego do termo racismos, no plural, reflete a complexidade envolvida na compreensão e na análise do tema. O racismo opera como um sistema articulado às diferentes instâncias da sociedade.

As pessoas geralmente tendem a achar que o racismo é só você ser retirado de um espaço a força, que racismo é só você acabar sendo perseguido pela polícia... não gente. Racismo é isso, óbvio, mas racismo é muito menos do que isso. Racismo é a forma como você me olha, racismo é a forma como você fala comigo, racismo é a forma como você duvida das minhas capacidades intelectuais, racismo é a forma como você duvida da minha capacidade de fazer a diferença socialmente, racismo é quando você quer diminuir a maioria penal porque você acredita que as pessoas negras, as pessoas da periferia estão fadadas ao crime. Isso é racismo, entendeu?! (Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra - Nátaly Neri)

De acordo com Almeida (2018), o racismo está na base da constituição do Estado. O referido autor trabalha com o conceito de racismo estrutural e o analisa

[...] como decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Aqui, considera-se que comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção (ALMEIDA, 2018, p. 83).

O caderno de referências técnicas para a atuação de psicólogas e psicólogos frente ao racismo (Conselho Federal de Psicologia, 2017), por sua vez, aponta para outros três tipos de racismo que “são articulados, interdependentes e mutuamente determinantes”, a saber: racismo institucional, interpessoal e pessoal. O primeiro diz respeito ao âmbito político das instituições que operam influenciando e reproduzindo estereótipos sociais acerca dos povos racializados, impossibilitando, muitas vezes, que minorias tenham o mesmo acesso às oportunidades concedidas para as pessoas brancas. Ou seja:

A prática de racismo institucional pode ser considerada a principal responsável pelas violações de direitos dos grupos raciais subalternizados. Efetivada em estruturas públicas e privadas do país, essa prática é marcada pelo tratamento diferenciado, desigual. Indica, pois, a falha do Estado em prover assistência igualitária aos diferentes grupos sociais (Ibidem).

O segundo, racismo interpessoal ou intersubjetivo, ocorre também na esfera da desigualdade política, no entanto, esse é relativo aos relacionamentos diretos entre as pessoas, sejam eles horizontais ou verticais, amistosos ou não. Sobre isso o CFP (2017) afirma que:

Ademais, a relação de descrédito e humilhação pode ser efetivada entre um sujeito que desempenha um papel social hierarquicamente superior (como um chefe ou um pai branco versus funcionário ou filho negro/indígena), mas também pode ocorrer entre aquele que, do ponto de vista do papel social, ocupa formalmente um lugar de subordinação, mas que, da perspectiva do racismo, assume ou almeja assumir uma situação de vantagem, como, por exemplo, entre um funcionário branco que desmerece seu chefe pelo simples fato de ele ser negro(a). (Ibidem).

Por último, o racismo pessoal versa sobre as agressões que acontecem de maneiras convencionais, explicitamente ou não. Aqui, vale dizer que, esses atos não ocorrem só de pessoas brancas para com as pessoas racializadas. Estas podem vir a reproduzir atos de racismo por vezes de maneira inconsciente ou com o intuito de fazer parte do grupo social predominante, enquanto direciona as violências para outra pessoa.

Racismo tá na política, racismo tá na palavra, racismo é você falar “aqueles negrinhos ali”, racismo é você falar “não sou tuas negras”, racismo é você conviver com isso diariamente, não precisa tá direcionado a você, mas você é negra, você vai sofrer racismo por mais que eles estejam falando, tipo “não quis te ofender”. Quase ninguém quer né, gente, porque racismo é velado! (Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra - Nátaly Neri).

Ainda segundo o Conselho Federal de Psicologia (2017), o racismo pode ser manifestado de maneira explícita ou velada. Podendo, também, pode ser cometido de maneira proposital ou não. De toda forma, sempre há algum tipo de benefício para quem ataca um Outro.

Por exemplo, a reafirmação de que ele se sente superior à vítima, enquanto esta, por sua vez, pode sofrer, como resultado, traumas e desgaste psíquico.

Segundo Kilomba (2019), no racismo os corpos negros estão fora do lugar e, desta forma, são errados, não pertencentes. Em contrapartida, os corpos brancos são os corpos que pertencem e possuem um lugar. Alimentando, assim, a ideia de haver um corpo como regra, um padrão. Em consequência disso, é possível notar como a subjetividade e a construção da identidade das pessoas pretas têm sido prejudicadas ao longo dos tempos. Souza (2019) afirma que, para o negro,

[...] ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. Dilacerante, crua, cruenta descoberta... Diante da experiência do inverossímil, frente à constatação dramática da impossibilidade de realizar o Ideal, o negro vislumbra duas alternativas genéricas: sucumbir às punições do Superego ou lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas. (SOUZA, 2019, p. 38).

Ou seja, a autora reforça que a dimensão subjetiva do sujeito vítima de tais agressões é extremamente afetada, prejudicando diretamente seu processo de identidade, pois segundo a sua pesquisa, apresentada em seu livro, intitulado, “Tornar-se negro” (2019), as pessoas pretas, principalmente as mulheres, vivenciam as experiências advindas do racismo com muita autodesvalorização, tristeza, conformismo em relação aos lugares em que são colocadas por aqueles que produzem e reproduzem discriminação. “Esse é o trauma do sujeito negro; ele jaz exatamente nesse estado de absoluta ‘Outridade’ na relação com o sujeito branco” (KILOMBA, 2020, p. 27).

Zamora (2012, p. 567) relembra que “os atributos físicos ditos dos negros são geralmente pensados no negativo e sempre postos em comparação desfavorável aos ideais estéticos etnocêntricos.” Para exemplificar a fala, a autora demonstra a diferença das visões que permeiam o imaginário social sobre o cabelo crespo ser o “ruim”, “duro” e “mal cuidado”, enquanto os cabelos lisos são “bons”, “bem cuidados” e dignos de inveja.

A reprodução de pensamentos como estes afetam diretamente a vida das pessoas negras, na relação consigo mesmas e com a comunidade, por isso, corroboro e destaco a importância do pensamento expresso nas palavras de Prestes (2018, p. 170): “o amor deve ser pauta da luta visando o resgate da dignidade e da integralidade, como forma de enfrentamento à tentativa de desumanização, além de estratégia de promoção e manutenção de saúde psíquica.”

3.3 A dimensão individual de entender-se como uma mulher negra

Segundo Paul Mecheril (2000), citado em Kilomba (2019, p. 74), “a ideia de sujeito, ou pelo menos o conceito idealizado do que é o sujeito, incorpora três diferentes níveis: o político, o social e o individual, que compõem as esferas da subjetividade”. Ainda segundo a autora, para uma pessoa chegar ao pleno status de sujeito, ela precisa alcançar e ser reconhecida nos três níveis, dentro do seu contexto social. Partindo desse pressuposto, podemos deduzir que para as mulheres negras alcançarem esse pleno estado de se sentir e ser consideradas sujeito pode ser demasiadamente mais complicado, tendo em vista que

[...] o racismo e o sexismo se reforçam mutuamente, na medida em que ocorre uma potencialização entre a dominação racial/étnica e a dominação de gênero e faz com que grupos racialmente dominados estejam como que circulando por territórios de outrem. Esse processo confina as mulheres negras ao patamar inferior do sistema de dominação/exploração [...]. (OLIVEIRA, MENEGHEL, BERNARDES, 2009 apud ANJOS, 2004, p. 271).

Ou seja, tais aspectos contribuem potencialmente para que a mulher negra permaneça na base da pirâmide social, mesmo sendo um dos principais pilares para o desenvolvimento da própria. Isso contribui com que esse grupo social seja minorizado diante das necessidades do Estado, colaborando para que cada vez mais mulheres negras vivenciem a solidão e o desamparo.

Como resultado, isso se torna uma das queixas mais presentes nos discursos das mulheres negras que buscam por equidade dentro de todo um sistema político e social. Sawaia (1999, p. 99) sustenta que “estudar exclusão pelas emoções dos que a vivem é refletir sobre o “cuidado” que o Estado tem com seus cidadãos”. Afinal, estes são indicativos do (des)governo para com o sofrimento dos indivíduos. Logo, entender a dimensão individual das mulheres negras ao vivenciarem o despertar para a negritude é tratar de um fenômeno na sua raiz, reconhecendo que esse não é um processo fácil de ser experienciado.

A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar muitos véus). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 2019, p. 21).

O despertar vivenciado por essas mulheres é um processo que ocorre entre a transição de uma autoimagem diluída no eurocentrismo, para uma autoimagem potente e rica em ancestralidade que muitas vezes se inicia dentro de uma outra transição, a capilar. Muitas

meninas, ainda crianças, têm seus cabelos alisados por decisão dos pais ou muitas vezes por escolha própria. Contudo, independente de onde surja a decisão, a motivação quase sempre é a mesma, como lembra Bia Ferreira em sua música “Cota não é esmola”, a preta que “alisa o cabelo pra se sentir aceita, mas não adianta nada, todo mundo a rejeita”. Pois há muito mais que um cabelo crespo ou cacheado para apontar a negritude de uma mulher preta. A tentativa é passar despercebido, mas é sabido que a população branca é um grupo tão fechado que se assemelha às “panelinhas” da escola. Não vão aceitar aquelas que julgam ser invasoras, estrangeiras, cheias de seus estereótipos de boa mãe, boa preta, que podem roubar seus maridos (KILOMBA, 2020), por isso um dos primeiros passos para passar por essa dupla transição é ocupar, ocupar os espaços, seu corpo e sua história.

Inclusive, ao buscar por esse termo no dicionário Caldas Aulete encontramos o seguinte resultado: “1. Preencher, tomar (espaço, lugar); 2. Desempenhar (cargo, função, posição); 3. Habitar, usar (espaço, lugar); 4. Utilizar (espaço, aparelho) de forma exclusiva, impedindo-lhe o uso pelos outros; 5. Tomar, capturar militarmente; 6. Despertar a atenção de; 7. Gastar, levar certo período de tempo; 8. Dedicar-se a, cuidar de; 9. Empregar, utilizar; 10. Dedicar-se com afeto; demonstrar cuidados com; 11. Ter por objetivo” (AULETE, 2001).

Então, que haja de fato uma apropriação dessa palavra e de todos os seus significados, a fim de que todas as mulheres negras, que assim desejarem, possam tomar os espaços que lhes pertencem, preenchendo, habitando, dedicando-se a cuidar de si e de suas semelhantes. Dado que, em diversos momentos históricos, como a luta pelo feminismo, nós, como categoria e comunidade, tivemos de batalhar por nossos direitos.

3.4 Feminismos e Interseccionalidade

Desde a metade do século XX, a categoria “gênero” foi reestruturada, ocupando o centro em ações políticas e teorias feministas, sendo usada, a partir de 1970, como elemento de análise da sociedade (MAYORGA et al, 2013). Em consequência disso, mesmo estando longe de um cenário ideal, nos últimos anos, os debates acerca das causas sociais tomaram proporções significativas a fim de propiciar igualdade para todos os indivíduos, em especial para mulheres, população negra e LGBTQIA+. Afinal, é sabido que o sufrágio feminino negligenciou e inviabilizou as demandas das mulheres negras, mesmo que, em tese, representasse uma causa coletiva. Sobre isso, Souza e Alvarenga (2007), em citação feita por Pateman (1993), fazem uma importante contribuição sobre o assunto:

A liberdade dos “indivíduos”, mencionada no ‘contrato social’ em Hobbes, Locke e Rousseau, não alcançava as mulheres, porque elas estavam no lugar do “não-sujeito”. Mulheres negras têm se firmado como sujeito social e político, de forma que a história tem se transformado, como podemos constatar através de inúmeros documentos, veiculados em diferentes fontes, que comprovam a crescente organização social e política das mulheres negras. (PATEMAN, 1993, p. 127).

Ribeiro (2018) denuncia que, desde os primórdios, as mulheres negras pensam sobre a categoria “mulher” de maneira crítica, percebendo as diferenças sócio-culturais e políticas as quais estavam inseridas. Davis (2016) destaca que é necessário falar sobre o ser mulher para além da feminilidade, pois faz-se necessário discutir sobre outras formas de subordinação as quais essa categoria possa estar inserida, como a raça e a classe social.

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser a/o “Outra/o” e nunca o eu (KILOMBA, 2019, p. 190).

No Brasil, Lélia Gonzalez foi uma das pioneiras se propondo a debater o assunto, fazendo uma importante contribuição ao dizer que o racismo foi desenvolvido como uma ciência eurocristã, ou seja, branca e patriarcal. Por isso, ao se debater sobre feminismos e interseccionalidade, tais categorias não podem ser separadas. Visto que cada mulher pode vivenciar a opressão vinda de diferentes espaços.

Como eu, uma adolescente tão dentro do meu tempo, tão fruto da minha época, que lia revistas femininas, que eu via TV, que via novelas e sabia que o ideal era o corpo magro; como eu consegui odiar o meu corpo magro? Como eu consegui odiar um corpo que era padronizado? Como eu consegui odiar um corpo que era valorizado? Como eu conseguia odiar um corpo que, em todos os espaços, diziam que era melhor? Eu odiava o meu corpo magro. E por que? Seria porque os mecanismos do racismo são muito mais complexos e muito mais profundos do que qualquer padrão de beleza? Será que eu odeio meu corpo magro, porque, de alguma forma, o fato de terem inferiorizado pessoas por conta de seus traços, de suas origens culturais ao longo da história, valeu mais do que padrões de beleza que se transformam ao longo do tempo; será que é isso? Será que o racismo, de fato, é uma coisa séria? Será que o racismo é estrutural e não é conjuntura? Será que o racismo está na sociedade muito mais profundamente do que a gente compreende? Será que a senzala ainda não acabou, será que a senzala ainda tá aqui? (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri)

Outro fator existente a ser pensado diz respeito aos padrões de beleza impostos socialmente, mesmo que seja algo rotativo, que muda com o passar do tempo a fim de atender às necessidades estéticas de cada época (SOUZA, 2018), uma mulher negra que foge do padrão também é sujeita a outro tipo de opressão. De toda forma, como Nátaly pontua, o racismo é tão bem estruturado que o fato de ser uma mulher dentro dos padrões de beleza atual não diminui a maneira como ela vivencia o racismo.

E se você se questiona sobre as mesmas questões que a Nátaly, a resposta é sim. Os padrões de beleza até são rotativos, mas existe uma referência do que é belo que nunca mudou. Pessoas brancas sempre serão consideradas mais belas e atraentes que as pessoas negras, afinal, esse modelo de beleza foi criado juntamente com o racismo.

Dado exposto, o feminismo negro vem para marcar esse processo interseccional, sendo mais do que uma luta identitária, vem reivindicando o direito de ser e existir. Como destaca Ribeiro (2018), pensar o feminismo negro é pensar em projetos democráticos. É reconhecer e validar o conhecimento ancestral, além da busca por findar com essa tendência à universalização de mulheres, narrativas, histórias e conhecimentos.

4 A HISTÓRIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

A construção do que é ser mulher negra no Brasil passa, primeiramente, pelo o que não é. Como apontado por Souza (2019), ser negro, quando a sociedade já possui um modelo claro, é ser marcado pela diferença. Isso mesmo, claro! Um termo amplamente usado no dia a dia que possui seu caráter eurocêntrico com raízes racistas, exemplifica o padrão social ao qual toda e qualquer pessoa de cor procurará se definir. Pois, se ao branco pertence o exclusivo lugar de referência, ao negro é negado a espontaneidade do direito de ser.

Ainda convém lembrar que, mesmo que um dos principais objetivos da mulher negra seja a busca por sua subjetividade (hooks, 2019), é necessário estar sempre em alerta para não se deixar hipnotizar pelo fetiche branco, pois este nega tudo aquilo que foge de seus moldes, inclusive e principalmente os corpos negros. Souza (2019), ao fazer um resgate histórico a respeito os rastros deixados pelo branco no mundo, afirma que “o negro sabe igualmente que, hoje como ontem, pela fome de lucro e poder, o branco condenou e condena milhões e milhões de seres humanos à mais abjeta e degradada miséria física e moral” (p. 13).

Se por um lado é possível que um povo “enegreça”, por outro, a brancura permanece impermeável, indo além do ser branco, sendo sinônimo do nobre, do correto e até mesmo, como a autora lembra, da sabedoria científica. Ribeiro (2018) ainda acrescenta que isso se deve ao fato do branco não ser cor, assim como o negro, ambos representam a política e uma longa história de privilégios, escravidão e colonialismo. Ou seja, através dessa crença acredita-se que o branco é o único caminho possível para o progresso e desenvolvimento da sociedade. Explicando assim o raciocínio daqueles que um dia declararam que o Brasil só seria um país de “primeiro mundo” (conceito que se remete ao capitalismo) quando toda a população fosse civilizada (leia-se branca). É por esse, e outros motivos que serão mais explanados à frente, que entender-se como uma mulher negra pode ser um processo deveras doloroso.

Eu sempre fui considerada uma menina feia, pelo menos por mim ou pela maioria das pessoas à minha volta, meus pais, no caso, eram os únicos que realmente apreciavam essa beleza singular. Apesar de sempre ter tido uma autoestima muito baixa, como toda criança negra com essa idade, existia um grupo específico de pessoas que me tratava de uma forma diferente, com essa idade existe um grupo de pessoas que de fato sabia que eu era uma menina não muito bonita, meio desajeitada, desengonçada e também sabiam, de alguma forma, que eu me tornaria uma mulher muito bonita quando eu crescesse. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri)

Thomaz e Vieira (2019) relembram que “a ideia acerca da beleza traz consigo uma exclusão sistemática de corpos que não adentram as classificações sócio-culturais daquilo que é considerado e propagado enquanto belo em termos estéticos” (p. 217). Ao direcionar essa

reflexão para a noção de beleza socialmente difundido, cujo a origem histórica é racista, entendemos como estes recaem sobre a subjetivação das mulheres negras, suscitando uma auto-percepção inferiorizada sobre seus corpos pretos, produzindo uma ramificação do racismo estrutural tão presente no país.

O corpo humano vai além de uma matéria biológica, é o meio pelo qual nos relacionamos com o mundo, é espaço para relações de poder e, dependendo da época, sua história e critérios de classificação dominantes também mudam (VIEIRA e BOSI, 2013). Logo, seguindo a lógica dominante, as noções de valorização e desvalorização desses corpos alteram-se a depender da sociedade ao qual está inserido. Ou seja, segundo Thomaz e Vieira (2019), “o corpo-ideal tem muito mais que ver com os ideais propagados pelas classes dominantes de determinada sociedade e as demandas daquele tipo de organização social do que com o quê, de fato, aquele corpo configura” (p. 217).

Esse grupo de pessoas é formado majoritariamente por homens, homens mais velhos. Geralmente primos de segundo grau, amigos de primos de segundo grau ou então desconhecidos que quando tava na rua com meu pai atrás de um balcão devolvendo o dinheiro do troco do almoço, falaram para ele “nossa a sua filha é linda, vai dar muito trabalho, vai ter um monte de gavião” e ria. Oito ou nove anos eu tinha. Eu ficava me perguntando o que faz ou o que fez com que homens como esse atrás do balcão e com que tantos outros homens enxergassem em uma criança de 8 ou 9 anos alguma possibilidade de beleza. Como eles entendiam que de alguma forma eu daria trabalho, como eles entendiam que de alguma forma eu teria pretendentes como eles entendiam que uma menina que não se esforçava em nada para ser sensual, não sabia sobre maquiagem, que não sabia sobre decote, era só uma criança, como eles sabiam que essa criança feia daria trabalho? (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Diante desses relatos é possível notar como, desde muito cedo, as opções de identificação e reconhecimento apresentadas às mulheres negras, ainda durante a infância, são extremamente injustas e sádicas. Nátaly relata que antes mesmo de ter pleno conhecimento do que sua existência representava ao mundo, uma parcela da sociedade, majoritariamente composta por homens, já a direcionava para um lugar. Já colocavam o seu corpo infantil no foco da sexualização. Isto se deve ao fato da sociedade ter se desenvolvido sob a normalização da pedofilia e do racismo, que são formas de abuso e inferiorização de um grupo determinado de pessoas. Estes modelos de discriminação se encontraram no período escravocrata, onde as mulheres de cor, na sua grande maioria, tinha como único destino a servidão e submissão sexual ou pelo trabalho.

Essa foi uma das perguntas que eu sempre fiz ao longo da minha vida, porque eu me vejo feia, porque as pessoas me veem feia, mas porque existe uma parcela, masculina, que tem certeza que eu serei bonita? De onde sai isso? Eu passei a me perguntar e eu passei a deixar de me questionar, porque eu era uma pessoa que eu me sentia feia, então era melhor alguém falar: “Nátaly, você é feia, mas você pode se tornar bonita”

do que alguém falar: “Nátaly, você é feia e você vai ser sempre feia”. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Desta forma, diante de um contexto completamente desfavorável para o desenvolvimento de uma criança preta, sem alternativa, ela sucumbi ao que é imposto. Afinal, é compreensível que, antes mesmo de entender o significado dessas imposições, haja o questionamento: qual é o meu lugar no mundo senão esse que estão me colocando? Fora o que me apresentam, o que eu tenho? É indiscutivelmente cruel que um indivíduo que está em processo de formação seja a primeira e mais fácil vítima do racismo e do machismo. Logo, como bem lembra Kilomba (2020) à mulher negra resta o não lugar, o não pertencimento.

Na obra “O que faz do Brasil, Brasil?” (MATTA, 1984) o autor traz à tona alguns dos símbolos sociais que caracterizam a sociedade brasileira. Um deles é a infeliz relação entre comidas e mulheres, onde o autor inicia explicando a comum associação feita pela população, onde, tudo que vem da rua, exceto o trabalho, é algo ruim, sujo, e o que é feito e produzido em casa é bom e valoroso. Partindo desse pressuposto, o autor nos conta que criaram e difundiram a ideia de que existem mulheres para casar e outras somente para “comer”. No entanto, apesar de algumas considerações feitas a respeito das relações raciais, Da Matta (1984) não complementa a informação, explicando que, no imaginário social, essas mulheres possuem cor e raça. Isto é, as mulheres para casar são brancas, loiras, e as mulheres para “comer” são as negras.

Se você assim como eu nasceu antes dos anos 2000, muito provavelmente você teve alguma dessas pessoas aqui como referência [mostra a foto de 3 meninas loiras, Xuxa, Eliana e Angélica]. Para as meninas dos anos 80 e 90 essa era a imagem dos sonhos, do belo, do espelho a ser seguido. Para os meninos essa era a imagem da mulher que merecia os olhares. A mulher ideal. Aí eu te pergunto, e quando você é totalmente oposto dessa imagem? (Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam - Gabi Oliveira).

A influenciadora e YouTuber Gabi Oliveira fala sobre a falta de representatividade nas mídias sociais e sobre os padrões de beleza socialmente propagados como belo e aceitável. Estes possuem suas raízes históricas no racismo e na política de embranquecimento do Brasil, afetando diretamente as mulheres negras. Para tanto, é importante admitir, principalmente ao falar sobre as mulheres negras, que a noção de estética e padrões de beleza são importantes ferramentas para a autoaceitação. Afinal, quando seus traços fenotípicos são tidos como feio, como passíveis de correção, você passa a não aceitar aquele corpo. Surge, então, um dos primeiros sentimentos de não pertencimento.

De acordo com Farias (2018) representatividade é sentir-se pertencente a um grupo, é quando pessoas ou movimentos influentes falam sobre nossas características físicas, socioculturais ou comportamentais. Desta forma, urge a importância de reconhecermos como as mídias sociais, no Brasil, são responsáveis pela propagação da diversidade social do país. Admitindo que estes cenários podem ocupar um lugar de bastante prejuízo quando colaboram com os estereótipos já existentes. Em relação às mulheres negras, por exemplo, o que vemos, muitas vezes, é a hiperssexualização de seus corpos e suas imagens sendo associadas à função de funcionária doméstica. Em outros lugares isso poderia não ser um problema, porém, levando em consideração a nossa realidade sócio-histórica e política, esse tipo de ação pode contribuir com a ideia de que lugar essa mulher deve ocupar, afetando diretamente seu desenvolvimento pessoal. Sobre isso, a Gabi Oliveira dá continuidade a sua fala exemplificando o quanto as mídias sociais possuem a capacidade de reforçar padrões extremamente preconceituosos.

E quando as mesmas mídias que apresentam essa imagem como ideal, só apresentam pessoas parecidas com você no papel da empregada de pele escura que tá ali sempre para servir os patrões, não tem família, não tem história, dócil... Mas está ali só como pano de fundo. Ou da escrava e escravo que nunca se articulou para alcançar a liberdade, estavam conformados. Tem também a barraqueira, o bandido, o menino preto abandonado e não dá para esquecer da figura quase mística que só aparecia nos carnavais, isso tudo debaixo do mito da democracia racial. Que dizia que, por conta da miscigenação, o racismo não era isso tudo aqui... Isso foi crescer sendo uma criança negra, a eterna tentativa de se adequar. (Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam - Gabi Oliveira).

Retirando o véu da suposta democracia racial, a ativista expõe as figuras quase místicas que foram nutridas a partir dos resquícios da escravidão. Nesse cenário, para as mulheres negras só existem três caminhos possíveis: a barraqueira, a mãe preta e a mulata exportação. Como reforça Farias (2018), ao contrário do que muitos pensam, a reprodução desses ideais não servem para denunciar a desigualdade racial, social e de gênero no país, mas sim contribuem para reforçá-la. Ou seja, crescer sendo uma criança negra no Brasil é a busca por adequação e a eterna corrida contra todas as imposições cruéis e racistas ao qual direcionaram, principalmente, às mulheres negras.

4.1 Os Mitos sobre as Mulheres Negras

4.1.1 Barraqueira

Como supracitado, existe uma espécie de mitologia que atravessa a existência da mulher negra. Esses mitos possuem um caráter tão perverso que não deixam saída. Toda mulher negra,

em algum momento da vida, se verá sendo uma das figuras sustentadas por esses estereótipos. Talvez você, leitor, já tenha entendido, mas vale a pena lembrar que todos esses arquétipos possuem suas raízes fincadas no racismo.

O primeiro diz respeito ao mito da mulher negra raivosa, bastante representada em programas de comédia (hooks 2019). Se você nasceu após os anos 2000 provavelmente já ouviu falar da Rochelle, mãe do personagem principal da série americana “Todo mundo odeia o Chris” (2004). A personagem é bastante caricata e pode exemplificar o imaginário social da mulher negra barraqueira.

O primeiro mito sobre a mulher negra é o mito da mulher negra barraqueira: a mulher negra forte, a mulher negra que se impõe, a mulher negra que não leva desafora pra casa, a mulher negra que não só tem uma constituição psicológica muito forte e aguenta apanhar aguenta a fome aguenta tudo, como também tem um corpo muito forte. (Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra - Nátaly Neri).

Independente do tom de voz que essa mulher use para se comunicar, para reivindicar seus direitos, ela estará sujeita a esse estereótipo, afinal, durante décadas as sujeitaram ao silêncio. E mesmo que uma mulher negra esteja com raiva Ribeiro (2018) precisamente pontua “estamos com raiva e temos esse direito. Você também estaria se vivesse uma realidade violenta e desumana. Se rissem e excluíssem você desde a infância pelo fato de ser negra. E, por fim, não cabe ao opressor dizer ao oprimido como ele deve reagir à violência” (p. 99).

O incômodo de achar que um suposto espaço de universalidade está sendo invadido que esse mito foge do imaginário social e ganha legitimação por parte do Estado quando, por exemplo, mulheres negras são vítimas de violência obstétrica. Isso porque legalizaram a ideia de que seus corpos são mais resistentes à dor (KILOMBA, 2020). Por isso, é importante ponderarmos que, diante do cenário brasileiro, para promover mudanças nossas vozes precisam ecoar, uma vez que “ter uma postura positiva diante da vida é importante, não nego, mas julgar que problemas sociais históricos se resolvem dessa forma beira a loucura” (RIBEIRO, 2018, p. 25).

A sociedade diz que eu tenho que ser forte, que eu não posso vir aqui e chorar, a sociedade diz que eu não posso ir lá na minha rede social dizer o quanto é difícil viver sem um pai, por exemplo, a sociedade diz que eu tenho que aguentar tudo nas minhas costas, a sociedade diz que eu tenho que ser forte, forte, forte, eu não aguento mais! Eu não quero mais ser forte! Eu quero poder ser fraca, então eu escrevo para não sentir tanta culpa e para me perdoar! (Eu quero poder ser fraca - Stephanie Ribeiro)

Stephanie traz em sua fala o peso das imposições feitas com base nesse mito reivindicando o poder ser fraca e não ter que suportar tudo, porque não é possível e nem temos

que dar conta de tudo. O rapper mineiro Djonga em sua canção “Corra” nos lembra do motivo pelo qual essas imposições são tão desiguais e carrascas: “pra eles nota seis é muito/ pra nós [sic] nota dez ainda é pouco”. Portanto, Souza (2018) resgata a música “Se avexe não” de Tássia Reis, interpretada por Elza Soares, para demonstrar que diversas tipos de respostas podem ser dados diante da experiência traumática causada pelo racismo, validando, na segunda estrofe, ela diz: “não que eu lhe deva dizer/ como é que se deve sofrer./ Chore se quiser chorar/ Corra se quiser correr”.

4.1.2 Mãe preta

No entanto, outro estereótipo descendente da escravidão, da “imagem da doméstica, assentada na mucama, a escravizada que trabalha no serviço da casa” (RIBEIRO, 2018, p. 18) foi criado. Comumente conhecido como o mito da “mãe preta”, esse arquétipo existe desde o Brasil Colônia quando, “após a abolição do regime escravocrata, os africanos e seus descendentes continuaram subordinados aos senhores por não ter havido nenhum tipo de reparação que pudesse integrá-los à sociedade em condições igualitárias” (SOUZA, 2018, p. 39). Desta forma, sem nenhuma possibilidade de ascensão social, as mulheres negras tiveram que permanecer na Casa Grande trabalhando em troca das condições mínimas para subsistência.

O segundo mito sobre a mulher negra é ligado a ideia da mãe preta, é o mito da mãe preta, aquela mulher negra que é senhora já, mais velha, que cozinha que é subserviente, abaixa sempre a cabeça, limpa, cuida da casa, ama de leite... é a tia Anastácia. É o mito da tia Anastácia! (Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra - Nátaly Neri).

Tia Anastácia é uma personagem criada por Monteiro Lobato em sua obra “Sítio do pica-pau amarelo” (LOBATO, 2002) que exemplifica esse mito. Uma senhora que tem como principal ofício o cuidar, se coloca em segundo plano para servir o Outro e nunca se queixa. Esse nome se deve ao fato de, muitas vezes, as empregadas domésticas terem servido de amas-de-leite para os filhos de seus patrões (SOUZA, 2020, p. 40). Logo, esse mito ainda é ligado a elas que permanecem sendo condicionadas a um lugar subjugado mesmo que, frequentemente, ouçam que fazem “parte da família”. E, cá entre nós, por vezes essa frase opera como um potente silenciador.

4.1.3 Mulata exportação

O terceiro e último mito a ser citado é o da mulata exportação. Esse mito é sustentado pelo estereótipo da mulata sensual, fogosa (hooks, 2019), a que nasce sabendo sambar, que serve para comer (DA MATTA, 1984), para estrangeiros verem e exportarem, mostrando a beleza das mulheres brasileiras. Ribeiro (2018) relata que, desde os anos de 1980, estudiosas já observavam que as mulheres negras eram representadas no entretenimento, nos espaços públicos e principalmente no carnaval como mulatas. A autora ainda comenta que “essa figura que permeia o imaginário colonial e escravista brasileiro se constituiu no primeiro período republicano, quando floresceu o mito da “democracia racial”, ou o racismo à brasileira” (p. 17).

Foi com 11, 12 anos que eu entendi o que eu era, eu entendi que eu era a mulata, eu entendi que as pessoas me tratavam e me viam como a mulata. E o que era a mulata naquela época? Naquela época, para mim, mulata era uma categoria menos pior de negra. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Para melhor compreender a fala de Nátaly, faz-se necessário entendermos o que é colorismo e como esse conceito afeta a vida das pessoas negras. Colorismo foi um termo cunhado em 1982 pela escritora e ativista Alice Walker para explicar como funciona a distribuição de vantagens para as pessoas de cor, afinal os privilégios, de fato, são oferecidos somente aos brancos. Também podendo ser conhecido como pigmentocracia basicamente o termo sugere que, quanto mais retinta a cor da sua pele for, mais discriminação, de forma escanrarada, você vai sofrer. Em contraponto, quanto mais seus traços fenotípicos (isto é, seu conjunto de características físicas) se aproximarem do padrão de beleza europeu (ser alta, ter pele clara e traços faciais finos) mais vantagens você terá. Ou melhor, mais velado será o racismo contra você (FRANCISCO, 2018).

As pessoas falavam: “Nátaly, você é feia para caramba, nem alisando seu cabelo ruim dá jeito. Sorte sua que você não é tão preta.” Eu erguia as mãos para o céu e falava “sorte minha que eu não sou tão preta. Deus não me fez branca, me entristeço por isso, mas obrigada por ter me feito mulata, é um sofrimento a menos”. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Então Emicida, em sua canção Ismália, contribui com nossa análise cantando “ela quis ser chamada de morena/ que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena”. Desta forma entendemos porque, antes mesmo de compreender o que é o racismo em termos conceituais, Nátaly já sentia seus efeitos. Afinal, apesar da pigmentocracia ter sido teorizada em 1982, o Brasil, em meados de 1910, já passara por sua própria doutrina de embranquecimento, quando

colonizadores nos fizeram entender que a miscigenação seria nossa carta de alforria (CARNEIRO, 2020). Diante disso, ter um membro da família branco era visto como uma bênção, ser considerada uma mulata, então, seria “um sofrimento a menos”, afinal você seria uma negra “tolerável”, “apreciável”.

Eu pesquisava sobre o assunto e eu dizia que era negra, uma negra de pele clara, mas uma negra. Mas eu recebi alguns comentários extremamente diretos e ofensivos que me assustaram muito, principalmente, porque a foto de perfil, aquela pequenininha, ser de pessoas de pele escura. Um cara uma vez comentou em uma foto minha: “legal você assumir seu cabelo, mas e a cor da sua pele quando você vai assumir? Nunca vi uma negra tão branca” – Ele escreveu. As pessoas me mandavam inboxing e dm dizendo "Desculpa, Rayza, mas você não é negra, você não sabe o que eu passei por ter a pele escura", "você estudou em escola particular sua vida inteira, você não sabe o que é racismo" e eu falava "tá bom, então a causa é de vocês e se é isso que vocês estão falando, eu acredito e vou acatar. (Sobre ser negra - Rayza Nicácio).

Já entendemos o que é o colorismo, agora precisamos compreender quais são suas implicações na vida das pessoas negras. Em seu desabafo, Rayza nos conta que, por ter um tom de pele mais claro, pessoas negras retintas costumavam negar sua negritude. Fazendo com que ela caísse em um lugar bastante conhecido por boa parte da população brasileira, o limbo racial. Esse fenômeno ocorre porque no senso de autodeclaração do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi cunhado o termo “pardo” como opção de cor (podemos considerar esse fato como uma herança da política de miscigenação do país), no entanto, poucas pessoas sabem (ou querem aceitar) que pretos e pardos, segundo o IBGE são negros. A miscigenação pode até alterar as características físicas do negro, mas a origem não.

Com os mitos das mulheres negras conseguimos exemplificar como o colorismo age na sociedade. Façamos uma reflexão, quando você pensa no mito da mulher negra raivosa ou da “mãe preta” qual a tonalidade de pele essas mulheres têm? É comum que, ao se fazer esse exercício, você imagine uma mulher com a pele retinta e traços fenótipos mais demarcados (lábios grandes, nariz largo, cabelo crespo...). Por outro lado, ao se pensar no mito da mulata exportação, provavelmente você imagina uma mulher com tom de pele claro, com curvas acentuadas, cabelo cacheado, entre outras características (RIBEIRO, 2018). Se para as duas primeiras o destino é a marginalização, para a terceira os falsos privilégios são oferecidos. Decerto um grupo de pessoas brancas não enxerga a mulher negra como uma igual, no entanto ela é encarada como diferente, como menos primitiva que os demais da sua raça.

Com os meus 14, 15 anos por aí, 13, 14 anos, eu comecei a entender o que a mídia, o que a sociedade dizia sobre o que era mulata, eu comecei a entender que ser mulata não era tão ruim. Que ser mulata é ser da cor do pecado, que ser mulata era ter curvas envolventes e sensuais. Ser mulata também me colocava na poesia, que colocava o meu corpo na bossa nova. Eu não era a mulata, mas eu me tornaria a mulata. E era na

expectativa de que meu corpo se desenvolvesse, que as curvas aparecessem e eu pudesse enfim ser a mulher que sambava, que fazia com que eu recebesse elogios. Esses eram os únicos. E eu aceitei, me chamavam de mulata. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Mulata foi um termo cunhado no passado Colonial para classificar os filhos feitos dos estupros cometidos pelos donos da Casa Grande nas negras escravizadas, com origem espanhola na palavra “mula” que é um híbrido de cavalo e jumenta, hoje em dia é um termo considerado racista por sua etimologia endossar a relação entre mulheres negras e animais (RIBEIRO, 2018). Podendo fazer uma análise mais profunda, significa um cruzamento de um animal considerado nobre com outro tido como de segunda classe. Mesmo contendo todo esse histórico bárbaro, algumas mulheres preferem ser relacionadas a isso e ter a falsa noção de pertencimento do que a mais direta exclusão.

Com 16, 17 anos, eu fiquei esperando a mulata. Me falaram a vida inteira que a mulata ia chegar, tô aqui esperando essa mulata. O único elogio que eu ouvi na minha vida inteira foi que eu só seria bonita no dia que meu corpo se desenvolvesse e efetivasse a mulata. Então cadê a mulata? Eu esperei a mulata. A mulata não vinha... eu ficava preocupada e falava: “Cadê essa bosta dessa mulata que me prometeram a vida inteira?”, “Cadê a Minha autoestima que estaria com ela?”, “Cadê a única expectativa de amor próprio que eu coloquei dentro de uma bunda de um peito?”, “Ela vai ser muito bonita, ela vai sambar, ela vai rebolar, ela vai ter um corpo de dar inveja, porque ela é mulata e mulata é menos pior.” Eu esperei a mulata, a mulata não apareceu.” (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Souza (2018) então questiona: diante desse cenário ao qual meninas negras estão sujeitas a crescer e se desenvolver, como não sentir os efeitos do racismo e da solidão da não adequação? Tal qual Fanon (2008) vai ao cinema e não se sente representado, não encontra uma figura que o contemple, as meninas negras também se deparam com essa situação. Suas poucas opções são as já apresentadas no decorrer desse trabalho. Desta maneira, diante das poucas opções apresentadas, a identificação com a mulata se mostra como a menos pior, mesmo que sua existência também seja repleta de solidão, pois para o Outro seu valor se dá na hiperssexualização de seus corpos (PACHECO, 2013).

Existem mulheres que a mulata chega. E quando ela chega, o que acontece? Quando a bunda chega, quando o peito chega, o que acontece com essas mulheres? Elas pedem para nunca terem nascido, porque elas não suportam a forma como são tratadas, por que elas não suportam a forma como são objetificadas o tempo inteiro, em todas as suas relações, em todos os seus espaços. Quando a mulata chega é insuportável, porque elas não conseguem andar na rua, porque elas não conseguem conversar com pessoas sem sentir o desconforto dos olhares, das piadas relacionadas aos corpos. Quando a mulata chega essas mulheres pedem a Deus: “Deus porque me fez mulata?” e eu pedi para Deus: “Deus porque não me fez mulata?” Então qual é a diferença? A diferença é que racismo é estrutura. E ele vai fazer com que você se odeie, odeie seu corpo, a sua vida, as suas origens, independente de quem você seja, basta você ser negro. Você pode ser magro, você pode ser gordo, você pode ser rico, você pode ser

pobre, você pode ser intelectual, você pode ser analfabeto. A senzala está para todo mundo, talvez de maneira mais intensa para uns do que para outros, mas a senzala está aqui. A senzala tá quando eu odeio meu corpo, quando eu odeio a minha realidade, quando eu odeio quem eu sou para corresponder a um estereótipo de beleza da sociedade escravocrata atual. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Souza (2018) legitima a fala de Nátaly quando ela diz que

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (SOUSA, 2018, p. 10)

Se aqui cabe um relato pessoal, me arrisco a dizer que, antes de iniciar esta pesquisa, eu não tinha conhecimento do conceito de auto-ódio. Ainda assim, com rápidas leituras consegui visualizar diversas experiências que eu tive ao longo da vida que facilmente exemplificam esse termo. Mas, parafraseando hooks (2019), quando o sujeito negro é parasitado pelo racismo e pelo ideal de embraquecimento, o prazer é posto em segundo plano, sendo submetido a desejar a destruição do próprio corpo, destruição de tudo em si que fuja dos padrões impostos por essa ideologia.

Eu lembro que quando criança eu peguei o hábito de colocar o pregador no nariz por algumas horas, isso quando minha mãe não estava vendo. E aí você pode me perguntar o porque, já naquela época eu entendi que um nariz como o meu não era considerado bonito, que uma estética como a minha não era muito bem vista, afinal o que eu escutava era: nariz bonito é nariz fino, cabelo bom é cabelo liso. (Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam - Gabi Oliveira).

As feridas deixadas pelo racismo transcendem o psiquismo, atravessa o inconsciente e escancara no corpo a tentativa desesperada de modificar o seu ser. Produtos que se assemelhavam às ferramentas que eram usadas para castigar os negros escravizados são atualizados e ganham novas formas. Agora, utilizam-se pregadores de roupas com o intuito de afinar o nariz e produtos químicos que tem por objetivo alisar os cabelos crespos e cacheados (SOUZA, 2019). De maneira consciente ou não, qualquer tentativa de aniquilação e mutação do corpo ou do futuro ganham força quando o auto-ódio se faz presente.

Com 17, 18 anos eu passei a odiar o meu corpo porque a mulata não veio. Então não tinha nada que me salvasse, não tinha expectativas de melhoras. Eu odiava meu corpo? Muito! Eu odiava quem eu era de uma forma muito profunda, a ponto de me bater em noites de crise, quando eu tava mal. A ponto de esmurrar os próprios seios porque eles não cresceram o tanto que as pessoas diziam que deveria ter crescido. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

“O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido” (Ibidem, p. 8). A cobrança do Outro pelo embranquecimento, pela camuflagem, é tão intensa que o sujeito sucumbe e toma para si toda a rejeição sofrida. Passando a se enxergar a partir dos olhares e julgamentos daqueles que o açoitaram.

O sofrimento ético político, teorizado por Sawaia (1999), é definido como a invisibilização social de grupos minorizados, como a população negra. Para exemplificar esse sofrimento, a autora fala sobre o “banzo”, uma doença misteriosa que causou a morte de pessoas negras escravizadas ao serem retiradas de suas comunidades, separadas de suas famílias e perderem o acesso às suas culturas.

A gente não precisa de senhor de engenho, a gente não precisa de chibatada brutal nos nossos corpos, porque a senzala ainda é aqui, nas nossas mentes, de maneira virtual, não corpórea. Enquanto a gente ainda tiver pessoas negras que se sentem subjugadas por serem quem são, enquanto nós tivermos pessoas negras que não se sentem pertencentes, não se sentem valorosas por serem quem são; enquanto eu ainda odiar um corpo que nunca me fez nada, porque a sociedade diz que eu devo odiar. Enquanto eu achar que a única coisa que me valoriza é um ideal racista imposto sobre mim quando meu corpo ainda nem havia se desenvolvido, enquanto isso acontecer a senzala ainda está aqui. A senzala ainda é agora. E a chibata, mesmo que de maneira muito silenciosa, continua açoitando nossas mentes. (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista/ É o que pensa que o racismo não existe/ O pior cego é o que não quer ver/ E o racismo está dentro de você (Gabriel o pensador - Racismo é burrice). Contra o racismo estrutural Angela Davis nos lembra “não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.”

Se o racismo não mata na entrada, ele faz com que você queira morrer na saída. Se o racismo destrói de maneira clara e descarada a negra de pele retinta, preta, escura, o racismo fala meu nome em forma de amor e diz “mulata, bonita, sensual” e depois me esfaqueia pelas costas. Parafrazeando Augusto dos Anjos “o racismo escarra na minha boca enquanto me beija.” (Quando a mulata chegar - Nátaly Neri).

Na música “Mulher do fim do mundo”, Elza Soares em tom de denúncia alertou: “meu choro não é nada além de carnaval, é lágrima de samba na ponta dos pés.” No Brasil fingem nos exaltar transformando o carnaval em um palco, enquanto ecoam o som do tambor silenciam nossas vozes e objetificam nossos corpos. Elza então continua dizendo que, após os dias de festa, quem resiste são as mulheres do fim do mundo:

Na chuva de confetes deixo a minha dor/ Na avenida, deixei lá/ A pele preta e a minha voz/ Na avenida, deixei lá/ A minha fala, minha opinião/ A minha casa, minha solidão/

Joguei do alto do terceiro andar/ Quebrei a cara e me librei do resto dessa vida/ Na avenida, dura até o fim/ Mulher do fim do mundo/ Eu sou e vou até o fim cantar.

Voltamos então para a luta diária de reafirmação e existência.

5 TRANSIÇÕES - Autoestima e Conscientização

Outro fator existente que demarca a consciência racial é a transição capilar, comumente feita por mulheres negras, esse processo é caracterizado pelo momento em que o sujeito deixa de passar produtos químicos no cabelo a fim de alisá-lo se propondo a deixá-lo crescer naturalmente (SANTOS, 2015). Um dos principais aspectos que marcam esse momento é a maneira como o indivíduo passa a se enxergar, passa a compreender sua existência no mundo (FAGUNDES, 2007). Os motivos pelos quais as pessoas decidem passar por esse processo são diversos, Nátaly, por exemplo diz que:

Eu parei de alisar meu cabelo porque eu estava ficando careca, eu parei de alisar meu cabelo por que eu não conseguia lidar com ele, eu parei de alisar meu cabelo porque eu queria ir fazer a guanidina na raiz duas vezes por mês... E aí eu passei pelo ensino médio tentando me embranquecer na maquiagem. Naquela época eu não tinha ideia do que era contorno, não era uma prática que existia, então ainda bem porque senão eu ia ter feito o Michel Jackson no nariz, no rosto, né?! Não que meu nariz seja muito grosso, mas era aquilo... Se há uma possibilidade de tornar mais fino eu vou aproveitar! Para vocês terem ideia eu usava pregador, dentro de casa, no nariz porque eu achava o meu nariz grosso, porque eu achava o meu nariz grande, porque eu sentia que, já que eu estou tão perto desse ideal branco, é só eu me esforçar um pouquinho que eu me torno uma garota branca. (Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri)

“Dentre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha um significado singular” (GOMES, 2002, p. 7). Para muitas comunidades africanas o cabelo representa dignidade e identidade. Resistindo ao tempo, o cabelo continua sendo um símbolo muito importante para a população negra. “Existe, portanto, uma relação entre a consciência racial e a descolonização do corpo negro, bem como entre as ofensas racistas e o controle do corpo negro” (KILOMBA, 2019, p. 74).

Muitas mulheres alisam o cabelo para se sentirem pertencentes, com o intuito de chegarem o mais próximo possível de um ideal eurocêntrico. Os procedimentos químicos usados com essa finalidade são extremamente nocivos, em outro momento, por exemplo, Nátaly disse que seu couro cabeludo já esteve tão ferido, queimado, que criou pus. Mas o que são esses “esforços” frente ao que ela poderia ter à frente? Nos sujeitamos a métodos torturantes por acreditarmos que eles vão valer a pena, que os Outros vão nos aceitar, vão nos valorizar.

Com uns 14 pra 15 anos, eu acho, eu arrumei o meu primeiro emprego e nesse emprego eu tive acesso a um curso de dreads e tranças, foi aí que eu decidi que a minha vida iria mudar. Eu descobri o dread de lã e falei “e se eu parar de alisar o meu cabelo e enrolasse ele em dread de lã inteiro até ele crescer um pouco mais?” O momento em que eu coloquei dreads, cara, assim... foi único na minha vida. Foi transformador, um momento em que eu me conectei comigo mesma, sabe?! Foi a

primeira vez em que eu me vi em uma estética confortável, foi a primeira vez que eu olhei pra mim no espelho e eu vi que fazia sentido. Eu lembro que na época todo mundo achava horrível, todo mundo falava que era feio, todo mundo dizia “nossa, que estranho, porque você fez isso?”. (Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri)

A construção da identidade dos indivíduos é construída a partir de um contexto histórico do olhar do Outro e de si mesmo (GOMES, 2012). Por isso, assim como o acesso a um curso, através do trabalho, teve influência na vida da ativista, precisamos reconhecer a importância do acesso a conteúdos informativos de qualidade para toda comunidade.

Silva e Monteiro (2008), declaram que durante muito tempo a publicidade brasileira invisibilizou as mulheres negras e quando as apresentava, era carregada de estereótipos. Foi com o avanço das redes sociais que estas conquistaram um espaço para falar a partir das suas próprias narrativas. Somente após esses acontecimentos que a publicidade voltou-se para esse público com, por exemplo, cremes de cabelo específicos para cabelos crespos e cacheados, com mulheres negras anunciando. Ainda assim, vale lembrar que essa troca é uma via de mão dupla. Do mesmo modo que avançamos ocupando novos espaços, essas empresas e veículos de comunicação aproveitam e monetizam o engajamento que a luta racial vem ganhando.

Então meio que a minha iniciação política, a minha iniciação nas discussões raciais e negras foi por meio da estética, foi por meio dos dreads e das tranças, por isso eu valorizo tanto, por isso eu amo tanto. Me ajudou na transição, me ajudou a lidar com duas texturas de cabelo, me deu acesso a um conhecimento que não necessariamente tava no meu círculo, não necessariamente tava na minha escola, eu tinha aprendido que, em vários povos Africanos, as tranças e dreads denotavam alguns status sociais, tinham importância religiosa, tinha importância histórica social e foi um pensamento muito louco porque eu pensei “meu, aqui no Brasil o meu cabelo não é valorizado, o meu cabelo é feio, se fosse pra qualquer país na África não necessariamente isso aconteceria, meu cabelo seria valorizado, por que eles valorizam o cabelo.” Foi aí que eu tentei me conectar com essa ancestralidade que valorizava um cabelo que esse espaço atual que eu existia, que era a sociedade branca Brasileira elitizada, me negava. Aí, queridos, a minha vida mudou! Eu passei muitos anos de dreads, fui cortando a minha química aos poucos... eu adquiri personalidade, eu senti que, pela primeira vez na vida, eu não estava tentando ser alguém, eu tava sendo eu mesma e as pessoas estavam me valorizando e me reconhecendo. Só depois de um tempo que tantos me criticaram, né?! Aí eu falei “nossa, não é que esse negócio de ser a gente mesma é legal, não é que isso aí dá certo, eu acho que eu vou tentar mais...” Aí eu extravasei e aí eu comecei a me vestir de outras formas, aí eu mudei a forma como eu me expressava, comecei a buscar mais informação de moda... foi na época em que eu abracei o brechó de vez na minha vida porque era eu e eu não tinha que ter vergonha. Agora sei quem eu era, o que podia fazer e eu tive orgulho disso e foi muito importante! (Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri).

Apesar do empoderamento estético ser muito ironizado e subestimado, temos diversos relatos em contas públicas nas redes sociais que comprovam sua eficácia. Não só referente a elevação na autoestima mas, também, como ação potencializadora para uma conexão ancestral

e sociocultural com toda uma comunidade. Afinal, uma das maiores queixas das mulheres negras é o isolamento social e, nos últimos anos, essa realidade começou a mudar com o aumento de movimentos e coletivos sociais como o Odara – Instituto da Mulher Negra e o Enegrecer - Coletivo Nacional da Juventude Negra.

Segundo Mendes, Carneiro e Anjos (2020), a autoestima é uma necessidade básica para o desenvolvimento satisfatório do ser humano, pois é através dessa auto satisfação que construímos uma relação com a confiança. Partindo desse pressuposto, compreendemos que para haver um bom progresso, esse indivíduo precisa ser investido narcisicamente desde a infância. Parafraseando Julio (2011), a autoestima é constituída a partir das relações sociais, por isso se faz tão importante a identificação e o encontro com os seus semelhantes.

Eu levanto a bandeira de que a estética é muito importante quando a gente fala de população negra no Brasil, que foi por meio dela que eu me iniciei nestas discussões, sei que empoderamento estético às vezes cansa, empoderamento estético é muito “ai meu cabelo natural” e às vezes parece “meu Deus é só empoderamento estético”, obviamente eu também avancei, obviamente eu não fiquei só nas tranças, nos dreads... Aí eu conheci meus cabelo natural, aprendi a cuidar, aprendi a amar, fui pra faculdade busquei informação. Aprendi a entender quem eu era, o porquê d’eu não gostar do meu cabelo, porquê da minha mãe, da minha avó e da minha família inteira que tinha cabelo crespo não necessariamente saber cuidar de um cabelo crespo. Aí eu utilizei esse mundo de informações que explodiram na internet porque aí veio o youtube, né?! Meu processo com as tranças foi bem solitário, foi eu, as tranças e as minhas apostilas. Só que quando eu comecei a acessar a internet descobri o youtube, o mundo dos tutoriais de cabelo, aí eu pude tirar meus dreads, aí eu pude olhar pro meu cabelo com carinho, aí eu pude cuidar, aí eu perceber como era importante me amar, como era importante valorizar quem eu era. Essa é uma discussão muito ampla, uma discussão que tem prós e contras.(Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri)

Segundo Kilomba (2019) “esse é o princípio da negação: ganha-se consciência da ideia reprimida, mas sua formulação é negativa. A negação, portanto, marca a conscientização do material reprimido que ainda não pode ser inteiramente confessado” (p. 120). Então, a partir das pesquisas e dos relatos coletados, passamos a compreender a transição capilar também como uma ferramenta, uma força motriz, para a transição entre a negação e a conscientização de uma origem étnico racial.

Vale destacar que a conscientização sobre a origem ancestral não faz com que, automaticamente, o sujeito compreenda todos os processos vividos. E mesmo que entenda, isso não faz com que a pessoa tome posse de todas as lutas enfrentadas pela comunidade. Justamente porque a sociedade continua sendo a mesma, as violências continuam postas, as feridas raciais continuam ou ficam até mais latentes quando passamos a enxergar o mundo como todo. Nesse contexto, não ousou dizer que sair da zona de conforto é um desafio, pois não sei se há uma pessoa negra que já tenha vivido plenamente nesse estado.

Levando em consideração as informações coletadas, notamos que a transição capilar e identitária são, também, grandes responsáveis pelo processo de subjetivação das mulheres negras. Ao atravessar o longo e nebuloso caminho entre parar de passar produtos químicos no cabelo e deixar a raiz crescer até sentir-se preparada o suficiente para realizar o famigerado big chop (termo em inglês que significa grande corte) a mulher pode percorrer, simultaneamente, um outro caminho para assimilar o que ainda faz sentido na sua vida.

“Nátaly, em que momento você se descobriu negra? Nátaly, você já tentou se embranquecer? Nátaly, como você construiu sua autoestima? Bem, eu sempre tive consciência de que eu era negra. Na verdade, consciência não, consciência é uma palavra que necessariamente eu goste pra isso. Eu sempre me vi como uma pessoa negra, isto é um fato. As pessoas sempre me viram como uma pessoa negra, isto é um fato. Eu nunca na história da minha vida ouvi que eu não era uma pessoa negra, muito pelo contrário. E isso não necessariamente tornou a minha vida mais fácil, mais simples, por eu ter consciência. Eu acho que essa minha formação ela vem muito dos meus pais que não necessariamente são ativistas, militantes, são pessoas comuns.” (Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri).

A cientista social nos faz outra provocação ao dizer que, mesmo que seu corpo tenha sido apontado como diferente, fora do lugar (KILOMBA, 2020), durante toda a sua vida através olhares e falas, não significava que ela conseguia entender a dimensão sociopolítica e cultural do que é ser uma mulher negra no Brasil. Emicida em sua música Ismália nos lembra do incômodo de ter uma “pele alvo”.

Sobre influência e representações, Nátaly nos fala acerca da importância de ter ganhado suporte e atenção dos pais durante sua infância e adolescência, oferecendo a ela os subsídios necessários para que a mesma tivesse condições de elaborar uma consciência crítica. Foi dentro da universidade que ativista se aprofundou nos estudos raciais, podendo aprimorar-se nos seus debates e ser fonte de inspiração e influência para outras meninas e mulheres negras.

“Eu ainda não conhecia nada e, honestamente, ainda sei muito pouco, tenho aprendido muito sobre isso... Sei lá, colorismo, feminismo negro, racismo reverso - que não existe... Todas essas coisas assim eu não entendia nada. Mas, através de uma pessoa que eu adoro muito, que admiro muito que é a Nátaly Neri, assistindo os vídeos dela, eu conheci outros argumentos e outras teorias que me fazem sim dizer que sou uma menina negra, porque gente, olha pra mim, é visível! Olha o meu cabelo, olha minha boca, olha meus traços, é visível que eu sou uma mulher negra, apesar de ter sido extremamente miscigenada e muito misturada porque quase todo mundo da minha família é misturado. Enfim, eu queria mais uma vez reafirmar a vocês que sim, eu sou uma mulher negra e eu não tenho a menor vergonha disso, nunca tive o menor medo de me posicionar em relação a isso por autoconhecimento, eu tinha medo das reações das pessoas, principalmente dos militantes negros que tem muitos que me odeiam. Pô, a gente pode ser amigo, cara, a gente pode se ajudar. Por que é isso que eu faço quando encontro as meninas, Gabi de pretas e a Nátaly Neri. Eu sugo muito delas e pergunto muito porque é assim que eu tenho aprendido...” (Sobre ser negra - Rayza Nicácio).

A pigmentocracia faz com que muitos negros de pele retinta se sintam incomodados frente a autodeclaração racial daqueles com o tom de pele claro. Sobre isso, Souza (2019) enriquece nosso debate ao explicar sobre a dimensão do ser negro afirmando que:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tomar-se negro (SOUSA, 2019, p. 67).

Por mais que eu julgue perigoso relacionar a negritude diretamente ao sofrimento, racismo e pobreza, reconheço que nossa história no Brasil foi atravessada por essas condições de vida. Todavia, Camargo e Medeiros (2019) nos atentam para o perigo da reprodução do racismo. Fenômeno bastante comum no Brasil, devido a falsa ideia de igualdade, ocorre quando vítimas do racismo introjetam as agressões vividas e reproduzem contra os seus semelhantes.

Ademais, Rayza ainda destaca que foi através das trocas com outras mulheres negras que ela se sentiu à vontade e segura para afirmar sua negritude. Destacando a importância da identificação e da representatividade social. Oliveira (2019) diz que, quando as mulheres reconhecem suas características físicas e/ou comportamentais em outras mulheres surge o conforto que o sentimento de pertença oferece.

Muito importante você saber que não está sozinho nessa. Se você está passando pelos seus processos de compreensão racial do que é ser ou não ser negra, do que é estar ou não estar confortável no seu corpo. É um momento de muita confusão, é um momento de muita intensidade, é um momento de muitas reformulações juntas, muitas revisitações, é um momento em que você vai crescer muito, se já não tiver acontecido, se já não tiver acontecendo. Você não está sozinha, você sabe! Mulheres juntas crescem mais, mulheres juntas são mais fortes, mulheres negras juntas crescem mais, mulheres negras juntas são muito fortes! (Empoderamento estético e consciência racial - Nátaly Neri).

Em uma fala repleta de esperança e acolhimento, Nátaly convoca as mulheres a se unirem. Já fomos marcadas por séculos de exclusão, esse momento não precisa ser mais um. Todo conteúdo supracitado produz muito incômodo (físico e mental), mas se há a possibilidade de nos fortalecermos juntas, assim o faremos! Por isso, Bia Ferreira em “Não precisa ser Amélia” afirma que “o jogo só vale quando todas as partes puderem jogar/ sou Frida, sou preta, essa é minha treta/ me deram um palco e eu vou cantar”.

No meu canal, eu falo sobre o racismo e seus impactos, falo bastante. Mas também falo sobre intercâmbio, morar sozinha, relacionamento, maquiagem, sabe por que? Porque nós existimos para além dos estereótipos que nos foram impostos. E eu gosto

sempre de me afastar da ideia que nós estamos construindo uma contra narrativa, por que isso faz parecer que estamos sempre partindo do Outro. E não, nós estamos construindo uma nova narrativa. Um tempo atrás eu cheguei a conclusão que eu não tinha mais tempo para desconstruir, o meu objetivo se tornou construir, construir pessoas que entendam seu lugar no espaço, que entendam seu lugar na sociedade, que saibam seus direitos, que vão descobrir que a história delas não se resume a escravidão e serventia. Que nós fomos reis e rainhas, inventores e matemáticos, que nós precisamos cuidar da nossa saúde física e mental, lutar contra esse genocídio... a minha ideia é construir! (Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam - Gabi Oliveira).

Concordo com Ribeiro (2018) quando ela diz que é importante sim ser otimista, só não podemos nos deixar enganar que “mais amor” vai resolver todos os problemas sociais que enfrentamos. Mas aqui Gabi, sem romantização, fala sobre a importância de construir, de fortalecer. E podem ter certeza, como bem podemos ouvir durante todo o desabafo cantado por Yzalú em sua música Mulheres negras (ANEXO I), essa não é uma tarefa fácil. Em um mundo em que a negritude é frequentemente associada a escravidão, dor e sofrimento, construir novos olhares, novos pontos de vista com base na nossa história (nossa história mesmo, não só o que contaram e deduziram sobre nós) é extremamente importante, como bem lembra Emicida em sua música “Mufete”, “ligue a pele preta ao riso contente”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os conteúdos analisados no decorrer desta pesquisa, conseguimos compreender que o despertar para a negritude vivenciado pelas mulheres negras é mais do que um insight. É um processo de conscientização racial que se inicia de diversas formas. As identificadas aqui foram as seguintes: através do racismo estrutural e de suas ramificações, que marcam física e simbolicamente suas existências, quando indivíduos que praticam tais violências fazem questão de manter seu suposto lugar de universalidade em detrimento do isolamento e sofrimento do outro; rede de apoio, como os pais, que preservam e procuram, na medida do possível, preparar a criança para o mundo explicando as desigualdades existentes; encontros com grupos de movimentos sociais que lutam por equidade em causas que a contemplem, causando o tão importante sentimento de pertença; identificação com influenciadoras das mídias sociais que relatam vivências semelhantes, como a transição capilar que, por muitas vezes, é a porta de entrada o autoconhecimento. Tendo isso em vista, considero que as condições mais favoráveis para o despertar para a negritude são os sentimentos de pertencimento, acolhimento, afeto, redes de apoio, contato com mobilizações e lutas, acesso à educação, à cultura e ao lazer.

Além disso, passamos a entender que, a complexidade da transição da fase de negar, ou de não saber, para a conscientização faz com que, inicialmente, algumas mulheres (geralmente as que não tiveram suporte adequado) lidem com momentos de crise, podendo até mesmo decidir por continuar se sujeitando ao embranquecimento. Outras, porém, relatam encontrar sua verdadeira essência através da ancestralidade, tornando a sua construção subjetiva e identitária cada vez mais potente.

Em outras condições gostaríamos de ter realizado esta pesquisa com mulheres negras da comunidade, de diferentes regionalidades e classes sociais. No entanto, devido aos limites acadêmicos que exigem prazos, optamos pelos relatos em contas públicas por ser um caminho mais ágil e, também, pela riqueza de conteúdo. Se vale uma sugestão, indico que assistam os vídeos na íntegra, e que ao final se dediquem à leitura dos comentários. Há naquelas plataformas um vasto campo de trocas e narrativas.

Como quase sempre ocorre em uma pesquisa, a sensação de incompletude se faz presente. Apesar de termos alcançado os objetivos propostos, é necessário ponderar que não estamos finalizando um debate; pelo contrário, aqui oferecemos recursos para a sua ampliação. Afinal, com uma temática tão vasta e densa como essa é deveras arriscado tentar abarcar todas as suas particularidades. Pois, como citamos, existem outras variações do racismo e da

interseccionalidade que não foram explanadas aqui . Por hora, fica o desejo pela continuidade dos estudos, trazendo como recorte mulheres negras que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, para que possamos ter a oportunidade de avançar cada vez mais na temática.

Como já apresentado na introdução, as dificuldades ao realizar a pesquisa iniciaram-se ainda durante a escolha do tema. Por ser um assunto que me atravessa diariamente, enfrentei inúmeros impasses para conseguir desenvolver o trabalho como, por exemplo, relembrar situações de racismo na infância, exclusão na adolescência, falta de oportunidades na juventude... Em quase todos os dias de produção eu me questioneei: Por que me propor a falar sobre algo que me machuca? Para quem eu estou falando? Esse trabalho será realmente útil para quem precisa ou é se trata de mais uma formalidade acadêmica? Para conseguir dar continuidade eu optei por acreditar que as reflexões aqui feitas irão transpassar os muros da universidade.

Em vista dos argumentos apresentados, podemos entender que as camadas de opressão sob as quais mulheres negras estão sujeitas fazem parte das milhares de histórias que cada uma está construindo. Partindo do conceito de interseccionalidade, compreendemos que a busca pela união não pode implicar em ordem para a padronização..

REFERÊNCIAS

- AULETE, V. M. **Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário** Caldas Aulete, vs online, 2001. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/despertar>> Acesso em: 26 out. 2021.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. **CEERT**. p. 1-31, 2001. Disponível em: <<https://ceert.org.br/publicacoes/diversidade-trabalho/27/branqueamento-e-branquitude-no-brasil>>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- BENTO, M. A. S. Notas sobre a branquitude nas instituições. **Violência e sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. p. 115-136, 2018.
- BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, n. 12, p. 153-165, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.166>>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- CAMARGO, K. de; MEDEIROS, P. M. de. A transição capilar nas mídias digitais: identificações em processo e representações em disputa. **Áskesis-Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 8, n. 1, p. 117-130, 2019.
- CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DJONGA. **Corra**. In: O menino que queria ser Deus. Intérprete: Djonga. Belo Horizonte: Nebula Records, 2018.
- SOARES, E. **A mulher do fim do mundo**
- EMICIDA. **Mãe**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015.
- EMICIDA. **Mufete**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015.
- EMICIDA. **Ismália**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015.

- EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2019.
- FAGUNDES, R. M. **Penteado afro: cultura, identidade e profissão**. 2007.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, J. **Representatividade negra como meio de auto afirmação: usos e sentidos**. 2018.
- FERREIRA, B. **Cota não é esmola**. São Paulo: Bia Ferreira: 2018.
- FERREIRA, B. **Não precisa ser Amélia**. São Paulo: Bia Ferreira: 2019.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes: Petrópolis, 1987.
- FRANCISCO, da S. M.. **Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade**. Ensaios Filosóficos, Volume XVIII – Dezembro/2018
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GÓES, W. L. Formação social do Brasil e a objetivação do racismo no pensamento conservador. **Violência e sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. p. 97-113, 2018.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92, v. 93, p. 69-82, 1988.
- HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.
- JESUS JUNIOR, A. G. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. **Psico-Usf**, v. 8, n. 2, p. 215-216, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200014>>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- LOBATO, M. **Sítio do Picapau Amarelo**. Globo Livros, 2002.
- MUNANGA, K.. **Negritude-usos e sentidos**. Autêntica, 2015.
- MAYORGA, C. et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 463-484, 2013.

MENDES, A. M.; CARNEIRO, A. M. de L.; DOS ANJOS, J. M. dos. Identidade e processos de subjetivação: a importância da transição capilar no enfrentamento ao racismo. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 96657-96669, 2020.

OLIVEIRA, I. F. de et al. **Versões de mulheres negras sobre a transição capilar: um estudo sobre processos de descolonização estética e subjetiva**. 2019.

OLIVEIRA, M. L. P.; MENEGHEL, S. N.; BERNARDES, J. S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. **Psicologia & Sociedade**; v. 21, n. 2. p. 266-274, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200014>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

O PENSADOR, G. **Racismo é burrice**. São Paulo: Sony Music: 2003.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRESTES, C. R. dos S. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PRESTES, C. R. dos S. Ressignificação da identidade e amor como resistência à violência racial, em favor da saúde psíquica. **Violência e sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. p. 169-176, 2018.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, N. R. B. dos. **Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**. Monografia, especialização em mídia, informação e cultura, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015, p. 35.

SAWAIA, B. B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. V. 2, p. 97-118, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. N. da; MONTEIRO, J. C. dos S. Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018.

SOUZA, F. N.. **A desconstrução dos mitos sobre a mulher negra: um olhar sobre Elza Soares, Tássia Reis e Mc Soffia**. 2018.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. LeBooks Editora, 2019.

SOUZAS, R.; ALVARENGA, A. T. de. Direitos sexuais, direitos reprodutivos: concepções de mulheres negras e brancas sobre liberdade. **Saúde e Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 125-132, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902007000200012>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

TODO MUNDO ODEIA O CHRIS. Direção de Andrew Orenstein. Produção de Adrienne Carter, Don Reo, Kali Londono. Estados Unidos: CBS Paramount; Television, 2005. UPN.

THOMAZ, D.; VIEIRA, L. A COR DO DEFEITO: UMA ANÁLISE SOBRE RAÇA, GÊNERO E CORPOREIDADE. **Revista Espirales**, p. 216-230, 2019.

VEIGA, L. M. **Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta.** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 244-248, 2019.

VIEIRA, C. A. L.; BOSI, M. L. M. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, p. 843-861, 2013.

YZALÚ. **Mulheres negras.** São Paulo: Som Livre: 2012. 3:41.

ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 563-578, 2012.

NERI, N. **Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra.** In: Nátaly Neri. Youtube: 1º de fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo> Acesso em 20 out. 2021.

NERI, N. **A mulata que nunca chegou.** In: TEDx Talks. Youtube: 31 de jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw>> Acesso em 20 out. 2021.

NERI, N. **Empoderamento estético e consciência racial.** In: Nátaly Neri. Youtube: 18 de nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iy1niabC1eQ>> Acesso em 20 out. 2021.

NICÁCIO, R. **Sobre ser negra.** In: Rayza Nicácio. Youtube: 26 de jun. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EFrwQ5exHvc>> Acesso em 20 out. 2021

RIBEIRO, S. **Eu quero poder ser fraca.** In: TEDx Talks. Youtube: 12 de jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2EpIZVU-N3Y>> Acesso em 20 out. 2021

OLIVEIRA, G. **Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam.** In: TEDx Talks. Youtube: 13 de set. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FYg-vQwm3Lo>> Acesso em 20 out. 2021

ANEXO I – MULHERES NEGRAS

ANEXO I - MULHERES NEGRAS

MULHERES NEGRAS (Yzalú)

Enquanto o couro do chicote cortava a carne
A dor metabolizada fortificava o caráter
A colônia produziu muito mais que cativos
Fez heroínas que pra não gerar escravos,
matavam os filhos

Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência na novela, no
comercial
O sistema pode até me transformar em
empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como
criada

Enquanto mulheres convencionais lutam
contra o machismo
As negras duelam pra vencer o machismo,
o preconceito, o racismo
Lutam pra reverter o processo de
aniquilação
Que encarcera afrodescendentes em
cubículos na prisão

Não existe lei maria da penha que nos
proteja
Da violência de nos submeter aos cargos de
limpeza
De ler nos banheiros das faculdades
hitleristas
Fora macacos cotistas

Pelo processo branqueador não sou a beleza
padrão
Mas na lei dos justos sou a personificação
da determinação
Navios negreiros e apelidos dados pelo
escravizador
Falharam na missão de me dar complexo de
inferior

Não sou a subalterna que o senhorio crê que
construiu
Meu lugar não é nos calvários do Brasil
Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico
do morro
É porque a lei áurea não passa de um texto
morto

Não precisa se esconder, segurança
Sei que cê tá me seguindo, pela minha
feição, minha trança
Sei que no seu curso de protetor de dono
praia
Ensinaram que as negras saem do mercado
com produtos embaixo da saia

Não quero um pote de manteiga ou de
xampu
Quero frear o maquinário que me dá rodo e
uru
Fazer o meu povo entender que é
inadmissível
Se contentar com as bolsas estudantis do
péssimo ensino

Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
Das mães solteiras, detentas, diaristas
O aço das novas correntes não aprisiona
minha mente

Não me compra e não me faz mostrar os
dentes
Mulher negra não se acostume com termo
depreciativo
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino
Nossos traços faciais são como letras de um
documento
Que mantém vivo o maior crime de todos os
tempos

Fique de pé pelos que no mar foram jogados
Pelos corpos que nos pelourinhos foram
descarnados
Não deixe que te façam pensar que o nosso
papel na pátria
É atrair gringo turista interpretando mulata

Podem pagar menos pelos mesmos serviços
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços
Menosprezar a nossa contribuição na
cultura brasileira
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa
pele negra

Mulheres negras são como mantas kevlar

Preparadas pela vida para suportar
O racismo, os tiros, o eurocentrismo
Abalam mais não deixam nossos neurônios
cativos